

O POETA DO TERCEIRO ANDAR

ENTREVISTA COM MANUEL DE FREITAS POR MASÉ LEMOS*

Esta entrevista começou em fevereiro de 2017 quando estive em Lisboa e encontrei-me com o poeta Manuel de Freitas na Paralelo W, livraria que funciona em um pequeno apartamento e é codirigida pela poeta Inês Dias. A princípio queria apenas perguntar-lhe se conhecia certa poesia francesa contemporânea, objeto da minha atual pesquisa, e que reivindica uma “poesia sem qualidades”. Isso porque Freitas, que é também editor, publicou em 2002 a célebre e controversa antologia *Poetas sem qualidades*, em cujo prefácio, “O tempo dos poetas”, constata também um tempo sem qualidades. Quanto aos franceses, ele não os conhecia, e a recíproca deve ser com certeza verdadeira, dado o fechamento excessivo em que os franceses vivem, principalmente em se tratando de poesia, e mesmo de pós-poesia.

Refiro-me aqui aos pós-poetas – ou poetas sem qualidades – e mais especialmente a Jean-Marie Gleize e Christophe Hanna, que em torno do grupo editorial de *Questions Théoriques*¹, procuram formular novas questões, numa visada investigativa para reativar a teoria literária contemporânea, uma vez que esta já não seria capaz de pensar a produção atual. É preciso destacar a importância do filósofo e teórico da arte, Jean-Pierre Cometti, também ligado ao grupo *Questions Théoriques*, falecido em 2016, próximo ao pragmatismo americano e à filosofia de Wittgenstein, e também especialista da obra de Robert Musil, e que publicou em 1999 o livro sobre arte contemporânea intitulado *L’art sans qualité*.

* Professora da Escola de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: maselemos@icloud.com

¹ Disponível em: <<http://www.questions-theoriques.com/>>. Acesso em: 20 out.2017.

Se a princípio, foi o fato das possíveis aproximações com a poesia francesa que havia me impelido a conversar com Manuel de Freitas, logo em seguida, a partir do momento em que fui avançando nos estudos de seu trabalho poético, ensaístico e editorial, tornou-se necessário continuar a entrevista via e-mail, que se estendeu do período de março até outubro de 2017. As perguntas iam sendo vagarosamente enviadas e eram rapidamente respondidas. Agradeço ao poeta sua paciência com minha lentidão em formular as perguntas, mas era preciso que elas, as perguntas, viessem a partir das leituras de sua vasta obra, cuja primeira publicação é de 2000 e que hoje já conta com 40 livros publicados.

A obra de Freitas vem aos poucos e com a discrição característica do poeta despertando vivo interesse no Brasil. Em 2014 a Coleção Ciranda da Poesia da Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (EdUERJ) publicou a primeira antologia de Manuel de Freitas, com apresentação de Luis Maffei, poeta, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) e estudioso de Freitas. Agora, em 2017, foi publicada no Brasil, pela Editora Corsário-Satã, uma nova e mais completa antologia da obra de Freitas, intitulada *Suite de pièces que l'on peut jouer seul*, com posfácio de Rosa Martelo, crítica e professora da Universidade do Porto.

A presente entrevista visa também a contribuir com a divulgação da poesia e da crítica de Manuel de Freitas. O poeta, que também dirige as revistas *Cão Celeste* e *Telhado de vidro*, nos coloca em relação com o contemporâneo, esse tempo que precisa ser desejado e compartilhado, seja pelas ruas ou pela janela de um terceiro andar.

1- Masé Lemos: Em sua introdução à antologia *Poetas sem qualidades* de 2002, encontramos a hoje célebre e controvertida declaração: “A um tempo sem qualidades, como aquele em que vivemos, seria no mínimo legítimo exigir poetas sem qualidades.” Poderia nos falar um pouco mais sobre o que seria esse “sem qualidades”?

Manuel de Freitas: Nessa declaração, tal como no próprio título da antologia, há uma ironia e uma subtileza que talvez não tenham sido devidamente compreendidas. Eu retomo, para uso próprio, a conhecida expressão de Musil – que não é necessariamente depreciativa, pois pode significar tão-só “sem qualidades aplicáveis ou reconhecíveis num determinado tempo”. Não se trata, portanto, de uma total ausência de qualidades. Seria estúpido, da minha parte, não reconhecer qualidades literárias a José Miguel Silva ou a Rui Pires Cabral, por exemplo.

A “exigência de poetas sem qualidades”, num tempo cada vez mais indigente, representava para mim (em 2002, sublinhe-se, embora mantenha no essencial aquilo que então afirmei) uma espécie de contraponto desejável a poetas institucionais como Nuno Júdice ou Manuel Alegre, incansavelmente premiados, traduzidos e elogiados. Ou seja, eu propunha que, nos antípodas de certa e venerada ourivesaria “puética”, se reparasse em algumas rugosidades que iam surgindo aqui e ali, em vozes desalinhas e descontentes – que hoje, a fazer uma antologia semelhante, seriam fatalmente outras, embora algumas se mantivessem. Não se tratava de um manifesto ou de um programa, mas apenas de um desabafo pessoal.

Por fim, diria que num “tempo sem qualidades”, ruidoso e mediático, não faz, para mim, nenhum sentido tentar fazer ouvir uma lira doce e anacrônica. Ao ruído, à violência, à asfixia (cultural e não só) temos de responder violentamente. Sem as “qualidades” esperadas, mas com outras – talvez consideradas suspeitas, inimigas da bela poesia – que se revelem capazes de denunciar quer o terror quotidiano, quer os fascismos estéticos e económicos que difusamente minam as nossas vidas.

2- Masé Lemos: Certa crítica em Portugal não entendeu que o “sem qualidades”, *Eigenschaftslosigkeit*, ao qual você se referia, significa antes ausência

de caracteres próprios, não constituído necessariamente um aspecto negativo. Diante do tempo de indignação preconizado por Hölderlin muitos ainda o tomam como uma maldição a ser suprida pela busca da essência da poesia capaz ainda de encantar o mundo, ou ao menos se autonomizar (arte pela arte) pelas suas qualidades intrínsecas, específicas. Percebo que há na sua poética a necessidade de se relacionar com o seu tempo e lugar (aqui e agora), sem o afastamento na torre de marfim, nem de uma procura mística da salvação. O seu poema “Duas vezes nada” é emblemático nesse sentido: [“De facto, crescemos em alcolémia,/ acordamos tarde, em pânico,/ e perdemos os dias e os dentes/ com uma espécie de resignação./(Não temos, ao que parece, serventia.)” Como em “Pão e vinho” chegamos tarde, depois do deuses, e a pergunta de Hölderlin, “Para que poetas em tempos de indignação” retornano presente de maneira ainda mais radical. Resta-nos os restos, mexer na linguagem cotidiana, deslocar os clichés, ironizar e deslocar o próprio lugar do poeta e das instituições artísticas?

Manuel de Freitas: Sinto-me tentado a concordar com Herberto Helder, quando me disse, pouco depois de ter sido publicada a antologia *Poetas sem Qualidades*, que “a crítica nunca percebe nada”. Não é por acaso que cito Herberto Helder, com quem apenas mantive um esporádico contacto epistolar; em certo sentido, ele é um poeta tão improvável como Hölderlin. Com a diferença de que, a partir de *A Faca não Corta o Fogo*, a aparente acronia de Herberto se desmorona de um modo extremamente violento, que só surpreenderá quem não tenha lido atentamente *Os Passos em Volta* ou *Photomaton & Vox*. Também não é por acaso que a epígrafe de *Poetas sem Qualidades* é de Herberto Helder. Talvez por não ter “bem-estar nem família” (Mário de Sá-Carneiro), cada poeta tenta inventar a sua genealogia, que não depende nunca de uma estrita ou sintonizada contemporaneidade. Falando por mim, sinto-me mais próximo da música de William Byrd do que da de John Cage, ou da escrita de François Villon do que da de Francis Ponge.

Contudo, parece-me fundamental que a poesia revele e desafie um certo “aqui e agora”, no que este tem de inescapável. Passados os entusiasmos modernistas, em sentido lato, cabe ao poeta (a cada poeta) perceber

que chegou tarde, depois de muitos poetas, e não se levar demasiado a sério. Mais do que nunca, a poesia não tem importância – seja em termos sociais, políticos ou meramente estatísticos. Pensar que a poesia pode mudar o mundo é uma estupidez. Mas esta constatação básica não deve impedir o poeta de fazer o seu melhor, de responder à urgência do seu canto, se este for inadiável – seja numa linguagem “quotidiana”, seja noutra mais obscura ou cifrada. Vivemos, de um modo geral, num mundo de restos. Hölderlin morava numa torre, embora não fosse de marfim. Eu moro num terceiro andar, em Lisboa. Cada poeta tem de escrever a partir da sua própria experiência de vida. Congruentemente, os poetas institucionais/festiveiros escrevem, a partir de residências literárias e de grotescos festivos, uma poesia quase sempre destituída de interesse.

3- Masé Lemos: Em conversa com o poeta Paulo Henriques Britto, notamos que a poesia portuguesa contemporânea de modo geral, inclusive a sua, se utiliza do verso metrificado, como o decassílabo ou alexandrino entre outros. Muitas vezes a métrica se mantém nas quebras dos versos. Entretanto um poeta como Nuno Judice utiliza de modo frequente o verso livre. Poderia falar de alguns aspectos formais da sua poesia, da poesia que lhe interessa?

Manuel de Freitas: Eu sou, em termos de métrica, um desastre assumido. Se escrevi decassílabos ou alexandrinos, foi sem querer (de resto, sempre escrevi “sem querer”). Um poeta [sic] como Nuno Júdice usa o “verso livre” para escrever prosa execrável; e as pessoas gostam ou fingem gostar. Eu, como sempre detestei intimamente a “bela poesia”, sinto-me bem em já só escrever prosa. É esse, aliás, o único aspecto formal que gostaria de destacar na minha poesia: a extrema repulsa do verso.

4- Masé Lemos: Voltando a Hölderlin, sua elegia não deixa de ser também um lamento resignado aos tempos de penúria. Já Walter Benjamin, mesmo com todas as tensões que percebe em seu tempo, em “Experiência e pobreza” tenta perceber a possibilidade ainda da experiência em tempo ainda mais difíceis que o de Hölderlin. Guy Debord, por sua vez, ao tratar

do que ele chamou de sociedade do espetáculo parece levar ao limite essa possibilidade da experiência. Mas, em 1972, ao afirmar que “aucun film n’est plus difficile que son époque” não parece também dizer que a arte deve estar em relação com o seu tempo, por mais difícil que ele seja? Difícil também no sentido do “sem qualidades”?

Manuel de Freitas: Tenho algumas reservas em aplicar a Hölderlin o adjectivo “resignado”. De resto, se olharmos com atenção, verificamos que Hölderlin enlouqueceu e que Benjamin e Debord se suicidaram. Acho que todos os tempos são difíceis; o nosso tempo de vida, ao parecer pior, deve-o apenas ao facto de ser o nosso. Vem de longe a vocação humana da barbárie, e o espectáculo generalizou-se, de facto. Pode ou deve a arte denunciá-lo? Eu acho que sim, mas não acredito que isso tenha quaisquer consequências. Deveria ser imperiosa a relação da arte com o seu tempo, mas creio que a arte do meu tempo se tornou, literalmente, “sem qualidades”. Basta ver os casos de Joana Vasconcelos ou Pedro Cabrita Reis ou aquilo em que se transformaram. Um poeta digno desse nome sente o peso esmagador de terem existido Baudelaire, Celan, Eliot ou Larkin. Para esses e outros artistas plásticos, tudo acontece como se Duchamp nunca tivesse existido. Com a agravante de que lhes interessa, sobremaneira, a alta finança, o luxo, uma visibilidade que nunca estará ao alcance de um poeta íntegro e coerente.

S- Masé Lemos: E por falar em Baudelaire, qual Baudelaire prefere, o das *Flores do Mal* ou do *Spleen de Paris*, ou isso não é algo que faça diferença para si?

Manuel de Freitas: Empenhei-me em aprender Francês justamente para poder ler Rimbaud e Baudelaire no original. Vejo Baudelaire como um todo, e não consigo escolher entre *Les Fleurs du Mal* e *Le Spleen du Paris*. Há ainda o crítico implacável, de artes plásticas e não só. Baudelaire, como bem percebeu Eliot, foi também o último poeta a conseguir ter uma repercussão “europeia”. Depois dele, “Perte d’Auréole” tornou-se a moeda comum de quem escreve poesia. O que não tem, álias, mal nenhum.

6- Masé Lemos: Se chegamos depois dos deuses e depois das vanguardas, a nossa geração sente a recriminação por parte dos melancólicos que ainda lamentam a perda da capacidade utópica da arte. Percebo que o “sem qualidades” se relaciona com essa carência de atributos heróicos, e mesmo atlético, e opta por um corpo-poesia constituído por uma saúde mais frágil. E essa fragilidade é sua força no sentido de interrogar-se constantemente, desviar-se do holofote, questionar os esquemas institucionais do campo artístico, sempre numa tecla autoirônica e com uma pitada de sátira às convenções sociais. Essa seria uma espécie de tática política possível?

Manuel de Freitas: Creio que está implícita, nesta sua pergunta, uma tendência algo simplificadora. Concordo, claro, com uma “carência de atributos heróicos” (que já vem de Baudelaire, comparece em Frank O’Hara, ressurge em Philip Larkin) assinalável em alguma da melhor poesia mais recente. Mas isso também serve de “receita” a péssimos poetas, a prosadores que se deleitam em versificar coisas inócuas. Nenhuma poesia, quanto a mim, pode ser validada numa “tática política” ou almejá-la sequer. Quanto aos holofotes, prefiro que estejam longe.

7- Masé Lemos: Em seus livros à menção aos amigos aparece com bastante frequência, qual o sentido político dessa “amizade”? Há um desejo de comunidade de poetas e leitores em sua obra que se entrelaça com sua prática editorial militante, ao seja, interrogativa dos esquemas mercadológicos?

Manuel de Freitas: Não vejo, na “amizade”, nenhum sentido político. A amizade assenta, quanto a mim, num plano estritamente afectivo; daí, também, a sua fragilidade – e todas as decepções inerentes. Sou, por outro lado, completamente avesso à noção de “comunidade”. Gosto de pessoas (muito poucas e uma de cada vez, se possível), mas prefiro gatos. Ainda e sempre gatos. Também não me interessam, nem pouco nem muito, os “esquemas mercadológicos”. Não pratico, não consumo, não quero saber.

Submetido em 20 de agosto de 2017

Aceito em 03 de novembro de 2017

Publicado em 26 de janeiro de 2018
